Revista Espaço Acadêmico - Nº 102 - Novembro de 2009
ANO IX - ISSN 1519-6186

Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais

Jordana Souza Santos*

Resumo: Este artigo pretende analisar o pensamento gramsciano e suas considerações sobre o papel dos intelectuais. Gramsci descreve dois tipos de intelectuais: tradicional e orgânico, e vincula o papel dos intelectuais ao partido político e à formação de uma cultura diferente da cultura burguesa. A formação de uma cultura da classe operária ajuda a criar autonomia, hegemonia de classe. Após uma breve exposição de alguns dos principais pontos do pensamento do autor, será feita uma análise sobre o significado dos intelectuais orgânicos e sua atuação entre os movimentos sociais. Como exemplo de análise, utilizaremos o Movimento Estudantil (ME) brasileiro buscando compreender de que forma os estudantes atuam na militância político-partidária. Alguns questionamentos serão apontados e desenvolvidos neste artigo como, por exemplo, a hipótese de considerarmos o ME um "centro preparador de intelectuais orgânicos". Ou ainda, até que ponto aqueles que estão na academia e também fazem parte de algum movimento social consideram-se como intelectuais orgânicos. Atualmente, é possível dizer que ainda existem intelectuais orgânicos? Ou houve uma reformulação conceitual deste tipo de intelectual?

Palavras-chave: Intelectuais orgânicos; Pensamento gramsciano; Movimento Estudantil.

Abstract: This article intends to analyse the gramscian thought and its reflections over the role of intellectuals. Gramsci describes two types of intellectuals: traditional and organical, and links the role of intellectuals to the political party and to the formation of a different culture other than bourgeois culture. Gramsci understands that the shaping of a working class culture helps to create autonomy, hegemony of class. After a short exhibition of some of the main points of author's thought, it will be done an analysis about the meaning of organical intellectuals and their action among socials movements. Like example of analysis, we'll use the brazilian students motion (Movimento Estudantil - ME) looking forward to understand in which form the students act in the politician-partisan militancy. Some questions will be pointed and developed in this article, for instance, the hypothesis of considering ME a "preparatory center of organical intellectuals". Or yet, how far those who are inside the academy and also take part in some social movement consider theirselves organical intellectuals. Nowadays, is it possible to say that there are still organical intellectuals? Were there a remaking of the concept of this type of intellectuals?

Keywords: Organical intellectuals; Gramscian thought; Movimento Estudantil

Antonio Gramsci, escritor italiano nascido em 1891 na Sardenha, uma das regiões mais pobres da Itália, cresceu numa família de classe baixa e desde cedo conviveu com o fato de ter que deixar os estudos para ajudar em casa. Quando retornou à escola, destacou-se entre os demais estudantes. Cursou Letras em Turim, onde ingressou no Partido Socialista Italiano (PSI) no qual teve grande atuação como jornalista escrevendo para o órgão oficial do partido e para outros órgãos socialistas da Itália. Entretanto, o PSI seguia uma linha economicista de interpretação do

marxismo, combinada com uma influência positivista da qual Gramsci discordava.

Através da discussão sobre uma "filosofia da práxis" desenvolvida por Giovanni Gentile – intelectual também do sul da Itália –, Gramsci, inspirado na ação dos bolcheviques na Rússia, argumentava sobre as condições para o início do processo revolucionário cuja classe operária seria o ator principal. Em 1921, suas idéias chegam ao Partido Comunista Italiano (PCI) que ajudou a fundar junto com Amadeo Bordiga. Foi fundada também a revista L'Ordine Nuovo que mais tarde passou a ser um órgão dos conselhos de operários. Nesse período, a Revolução Russa estava no seu auge e tornou-se um exemplo a ser cultuado por Gramsci que "traduziu" o pensamento de Lenin para a situação da Itália; ao tratar, por exemplo, dos sindicatos e conselhos de fábrica, associava estes aos conselhos de sovietes e repudiava o sindicato como uma organização vinculada ao capital e que por isso não representava verdadeiramente a classe operária.

> O sindicato é parte integrante da sociedade capitalista, e tem uma função que é inerente ao regime da propriedade privada. Os Conselhos, ao contrário, são a base para que o operário se eleve à condição de produtor: "O operário só pode conceber a si mesmo como produtor se se conceber como parte inseparável de todo sistema de trabalho que se condensa no objeto fabricado; só pode fazê-lo se vivenciar a unidade do processo industrial, que exige a colaboração do operário, manual e qualificado, do empregado da administração, do engenheiro, do diretor técnico". E a capacidade de se conceber desse modo, ou seja, como parte integrante do trabalhador coletivo, é algo assegurado pela organização do conselho de fábrica tal como Gramsci a prevê. (COUTINHO, 1999 p. 31)

Em abril de 1920, os operários entraram em greve em Turim com o apoio de Gramsci e do grupo do *L'Ordine Nuovo*. Porém, a greve foi derrotada acirrando as discussões e divergências entre nosso intelectual e a direção do PSI.

Além de Gentile, Benedeto Croce também influenciou o pensamento gramsciano, mas as divergências com relação ao que fazer perante a 1ª Guerra Mundial e aos resultados da Revolução Russa, afastaram-nos. Gramsci compartilhava com o pensamento de Rosa Luxemburgo que foi contra a guerra e apoiou as idéias de Lenin. Outra contribuição teórica importante para o autor foi o francês Sorel que propunha uma forma de sindicalismo revolucionário em que a fábrica passaria ao comando dos operários (conhecido como mito da greve geral). As concepções de Sorel aproximaram-no do marxismo.

Com a ascensão do fascismo na Itália em 1922, Gramsci afirmou a necessidade de uma revolução comunista e de uma reforma moral e intelectual. O fascismo seria um exemplo daquilo que ele denominou de "revolução passiva", pois nasceu sob um signo revolucionário, mas mostrou-se de caráter reformista e conciliador. O partido fascista possuía alianças com as classes conservadoras como a Igreja Católica; era um movimento de massas pequeno-burguesas. Com base nisso, para se combater o fascismo era importante compreender a questão meridional e religiosa da Itália e assim, formular respostas ao tipo de desenvolvimento apresentado pelo país. Isto é, através de uma análise sobre a história e conjuntura italiana,

destacando o modo como se deu sua unificação, a influência religiosa e a questão camponesa, seria possível identificar as razões da instauração de um regime ditatorial e, por fim, chegar aos meios para se combatê-lo.

De acordo com Gramsci, a classe camponesa italiana padecia de organização. Havia uma grande diferença entre o sul (agrário) e o norte (industrializado). As características do sul da Itália referiam-se à forte tradição católica e à agricultura familiar onde predominavam os latifúndios. A Itália somente alcançaria a revolução se os operários do norte se unissem aos camponeses do sul, pois a base do Estado proletário seria a aliança operário-camponesa.

> [...] dará crédito aos camponeses, instituirá as cooperativas, garantirá a segurança pessoal e dos bens contra os ladrões, arcará com as despesas públicas de saneamento e de irrigação. Fará tudo isso porque é de seu interesse aumentar a produção agrícola, porque é de seu interesse dirigir a produção industrial para um trabalho útil de paz e fraternidade entre cidade e campo, entre Norte e Sul. (GRAMSCI, 1977 p. 137).

A cultura burguesa propagada no norte acusava o sul do atraso no desenvolvimento do país e de que os meridionais eram biologicamente inferiores e por este motivo, pela sua incapacidade é que esta região era menos desenvolvida.

"O sul da Itália pode ser definido como uma grande desagregação social" (GRAMSCI, 1977 p. 154). Os intelectuais meridionais pertencem em sua maioria à pequena e média burguesia. Padres, latifundiários entre outros, compõem a parcela de intelectuais de tipo tradicional, são "homens de poder".

> O intelectual meridional deriva predominantemente de uma camada que no Sul é ainda notável: o burguês rural, ou seja, o pequeno e médio proprietário de terras que não é camponês, que não trabalha a terra, que se envergonharia de ser agricultor, mas que, da pouca terra que possui e cede em aluguel ou em simples meação, deseja arrecadar o suficiente para viver convenientemente, para mandar os filhos à universidade ou ao seminário, para fazer o dote das filhas que devem esposar um oficial ou um funcionário civil do Estado. (GRAMSCI, 1977 p. 156).

Com relação ao clero, o padre setentrional possui ideais democráticos e uma conduta moral exemplar enquanto que o padre meridional apresenta-se conservador e, muitas vezes, mantêm relações conjugais.

> No Sul o padre aparece ao camponês: 1) como um administrador de terras com o qual o camponês entra em conflito pela questão dos aluguéis; 2) como um usuário que cobra elevadíssimas taxas de juros e faz intervir o elemento religioso para arrecadar com segurança o aluguel e a usura; 3) como um homem submetido às paixões comuns (mulheres e dinheiro) e que, portanto, não oferece espiritualmente confiança quanto à discrição e à imparcialidade. (GRAMSCI, 1977 p. 157).

Pode-se perceber que a análise sobre os intelectuais meridionais faz parte da análise sobre a questão camponesa e a questão religiosa. A unificação italiana (1870) foi semelhante à unificação alemã. A Itália era um país comandado pela Igreja Católica e escasso em recursos naturais; passou por um processo de unificação chamado de "via prussiana" em que não houve uma revolução, mas um acordo entre as

nobrezas feudais e a burguesia. Os intelectuais italianos tinham uma tradição vinculada à Igreja. O país demorou para se desenvolver e industrializar-se devido à mentalidade conservadora cristã e à forte influência que o papado exercia sobre a política, sobre o país em âmbito geral.

Após analisar estas questões, Gramsci concentrou-se naquilo que seria ideal para o processo revolucionário. Além da extinção dos sindicatos e da percepção das questões acima era necessário discorrer agora sobre o partido revolucionário. Deveria ser criado um partido revolucionário de tipo inteiramente novo, seguindo as concepções de Lenin[1], com o papel de educar as massas. O partido representaria o órgão máximo da classe operária e o responsável pela divulgação de suas reivindicações.

Estas considerações sobre o partido revolucionário revelam também influências do pensamento de Maquiavel. O partido seria visto como o "Moderno Príncipe" e teria a função de aglutinar as massas. Para que o "Moderno Príncipe" fosse expressivo e representativo da classe trabalhadora era necessário que ele divulgasse a cultura dessa classe e não apresentasse nenhum vínculo com a burguesia. O "Moderno Príncipe" - o partido - seria expressão da vontade coletiva. Somente deste modo é que a formação de um partido revolucionário seria válida. Este partido poderia se apresentar como o "condottiero" que conduziria o povo ao Estado[2]. Caberia ao "Moderno Príncipe" organizar uma reforma moral e intelectual e superar a influência do catolicismo na Itália.

[1] Este partido seria o PCI.
[2] Mussolini foi um falso "condottiero" uma vez que levou a Itália a uma ditadura fascista.

Enfim, Gramsci descreve os principais problemas que constituíam empecilho para uma revolução comunista na Itália. Ao ser preso em 1926, iniciou na prisão um conjunto de obras que ficariam conhecidas como *Cadernos do Cárcere*. É nesta obra que o autor discorre suas concepções sobre o papel dos intelectuais frente à revolução, à classe operária e ao partido revolucionário.

Gramsci e os intelectuais: analisando seu papel nos movimentos sociais

Ao tratar do tema dos intelectuais é preciso tratar da concepção de cultura para este autor. A cultura predominante na sociedade é a cultura burguesa. As escolas tradicionais transmitem um conhecimento que deriva da classe dominante, caracterizando-se assim, como elitista. Este tipo de escola foi criado como meio de propagar a cultura burguesa e enquadrar todos os indivíduos nos moldes desta cultura. Por isso, os filhos da classe operária que freqüentam estas escolas não se identificam com sua ideologia uma vez que possuem histórias de vida diferentes. Segundo Gramsci, os alunos que moram na cidade e que são de famílias de classe média e rica têm maior facilidade de seguir na carreira escolar. Em contrapartida, os alunos que moram em zonas rurais e que são de famílias mais pobres têm um desenvolvimento menor durante a carreira escolar. Isto acontece porque estes últimos não conseguem se inserir numa concepção de mundo burguesa.

Os intelectuais são formados no interior de sua classe. Todo grupo social possui um intelectual que juntamente com o partido assume a função de representar sua classe e de conscientizá-la. No entanto, Gramsci acrescenta que a classe camponesa não possui intelectuais. No sul da Itália, por exemplo, os intelectuais têm sua origem

nas camadas mais altas como o clero e a aristocracia.

> Assim, cabe observar que a massa de camponeses, ainda que desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais "orgânicos" e não assimila nenhuma camada de intelectuais "tradicionais", embora outros grupos sociais extraiam da massa camponesa muitos de seus intelectuais e grande parte dos intelectuais tradicionais seja de origem camponesa. (GRAMSCI, 2001 p. 16).

Os intelectuais tradicionais são de origem pequeno-burguesa, são aqueles que não estão compromissados politicamente com a "filosofia da práxis", são os que não atuam em movimentos políticos.[3]

Existem diferenças entre os intelectuais urbanos e os intelectuais rurais. Estes exercem maior poder sobre a massa ligada à sua classe, agem e são considerados como líderes, como governantes. A classe camponesa está sempre subordinada a um tipo de intelectual tradicional que não possui identificação alguma com esta classe.

> Além disso, no campo, o intelectual (padre, advogado, professor, tabelião, médico etc.) possui um padrão de vida médio superior, ou, pelo menos, diverso daquele do camponês médio e representa, por isso, para este camponês, um modelo social na aspiração de sair de sua condição e de melhorá-la. (GRAMSCI, 2001 p. 23).

Segundo Semeraro (2006), intelectuais orgânicos são aqueles que estão entrelaçados nas relações sociais pertencentes a uma classe. Para este autor, os intelectuais orgânicos fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Os intelectuais orgânicos são responsáveis por construir o projeto da sua classe. No caso da classe operária, são responsáveis em dar respaldo à revolução.

> As idéias de Gramsci passam a fundamentar a formação dos novos intelectuais na práxis hegemônica dos subalternos, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar uma outra filosofia e uma outra política, capazes de promover a superação do poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular. (SEMERARO, 2006 p. 380).

Os intelectuais orgânicos estão habilitados a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. Em suma, a hegemonia de uma classe também está ligada ao papel que os seus intelectuais desempenham. Segundo Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas nem todos assumem essa função na sociedade. A escola, o partido, a fábrica, a participação em organizações etc., são espaços criadores de intelectuais.

> A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela

[3] Perry Anderson *em Considerações sobre o marxismo ocidental (1976)*, descreve sobre autores do pós-guerra que assumiram uma postura menos engajada, caracterizada como "marxismo acadêmico". Estes autores, considerados como intelectuais tradicionais, eram em sua maioria professores universitários e não possuíam vínculos com partidos políticos nem movimentos sociais. Em resumo, não possuíam vínculos com a uma "filosofia da práxis".

> quantidade de escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a "área" escolar e quanto mais numerosos forem os "graus verticais" da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado (GRAMSCI, 2001 p. 19).

Na visão gramsciana os partidos e movimentos sociais podem criar intelectuais tradicionais e orgânicos. No caso específico do ME, entende-se que por ser um movimento de caráter fluído que a cada geração se renova, sua principal função diante da militância política é de formar intelectuais orgânicos à medida que o ME é formado por estudantes que também são militantes de partidos e organizações políticas. A principal discussão em torno das ações do ME, de seu posicionamento político e dos ideais que embasam tais ações, é sobre a influência destes agrupamentos políticos. Isto é, até que ponto estas organizações políticas não promovem a falta de coesão entre os estudantes, pois as disputas partidárias pelos cargos nas entidades estudantis são acirradas.

Se a discussão enveredar por este viés, verificamos que esta influência seria responsável pela desmobilização dos estudantes. Porém, esta interpretação só é válida se analisada do ponto de vista da militância no ME. Ou seja, a partidarização do ME faz com que se concedam privilégios às questões político-partidárias e que sejam deixadas em segundo plano as questões relativas à universidade, ao ensino, à educação etc.

Mas se compreendermos o ME enquanto um movimento social e como "um centro preparador de intelectuais orgânicos", a interpretação supracitada pode ser questionada. Se o vínculo de estudantes com partidos políticos é apontado como a causa pela desmobilização do ME, isto acontece porque não se consegue percebê-lo como um movimento de caráter temporário e imediato à medida que é fluído. O mesmo não se pode dizer de outros movimentos sociais como o MST (Movimento dos Sem Terra) ou do próprio movimento operário, pois o ME sofre transformações a cada novo egresso proveniente de diversas classes sociais, em particular, das camadas mais abastadas da sociedade. Os estudantes que militam ativamente no ME, em sua maioria, são filiados a partidos políticos ou então, após a militância estudantil, acabam por ingressar nestes partidos assumindo o papel de intelectuais orgânicos. Por isso, afirmamos que o ME caracteriza-se como "centro preparador de intelectuais orgânicos", porque seus militantes permanecem no movimento apenas enquanto estão na condição de estudante.

Com relação à origem de classe, a grande maioria dos estudantes e dos militantes de organizações ou partidos políticos é de origem pequeno-burguesa. Entre 1969-1972, algumas organizações de esquerda no Brasil tentaram aplicar o método maoísta de "integração na produção" onde seus militantes eram enviados à fábrica e ao campo para trabalharem junto aos operários e camponeses[4]. O "processo de integração na produção" tinha o objetivo de "entrosar" os militantes pequeno-burgueses com a classe operária e "educá-la", "conscientizá-la" para a revolução, pois essa era a tarefa do partido e dos seus intelectuais. Estes

[4] O maoísmo chinês nasceu com a Revolução Cultural Chinesa (1966) sob o comando do líder político Mao Tse Tung. O maoísmo exaltava o campo como território revolucionário, além de elucidar táticas de guerrilha no processo revolucionário.

militantes também tinham o objetivo de trazer para o partido a classe operária e camponesa. Contudo, esta tentativa mostrou-se frágil e inadequada, pois muitos estudantes foram encaminhados ao trabalho sem preparo algum. O modelo maoísta-chinês era aplicado ao Brasil sem uma análise das condições do país.

A experiência do "processo de integração na produção" demonstrou que não é possível fazer de um intelectual pequeno-burguês um intelectual da classe operária. A classe operária deve ter seus intelectuais nascidos dentro dela mesma, pois seguindo o pensamento gramsciano, somente um intelectual de origem operária ou camponesa pode representar verdadeiramente os interesses desta classe.

Na realidade, a pergunta que permanece é se os intelectuais que derivam do ME e que seguem a carreira política em partidos, sindicatos etc., podem ser considerados intelectuais orgânicos uma vez que têm sua origem entre as camadas intermediárias ou pequeno-burguesas da sociedade. Até que ponto a atuação desses intelectuais entre a classe operária pode ser considerada válida uma vez que eles não pertencem a esta classe? Se pensarmos nos equívocos e no insucesso do "processo de integração na produção", chegaremos à conclusão de que a atuação desses intelectuais trouxe mais saldos negativos do que positivos devidos, em certa medida, à sua origem de classe. Somente os intelectuais saídos das camadas mais baixas é que podem levá-la à hegemonia de classe, conforme Gramsci. Logo, é cada vez mais necessário insistir na formação de intelectuais desta classe para que ela verdadeiramente alcance emancipação e consciência. E que desenvolva sua cultura, sua educação.

Referências

COUTINHO, C. N**. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DEL ROIO, M. **Os prismas de Gramsci: A fórmula política da frente única (1919-1926)** – São Paulo: Editora Xamã, 2005.

GRAMSCI, A. **"Alguns temas da questão meridional". Temas de ciências humanas.** Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, n. 1, 1977, p. 19-45.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere,** volume 2/ edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-editor, Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SEMERARO, G. **Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade.** In: *Caderno Cedes* – Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set/dez. 2006. Disponível em *http://www.cedes.unicamp.br*. Acesso em: 08/05/2009.

VIEIRA, C. E. . Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci. In: **Educação e Pesquisa**, Universidade de São Paulo, v. 25, n. 1, p. 51-66, 2000.

* **JORDANA SOUZA SANTOS** é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP - Campus Marilia, Bolsista FAPESP